

# “NUESTRA AMÉRICA”: PENSAMENTO RACIAL E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL ARGENTINA

CAMILA BUENO GREJO\*

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo estabelecer uma análise da obra *Nuestra América. Ensayo de psicología social*, escrita em 1903 por Carlos Octavio Bunge – um influente intelectual argentino, tanto em assuntos ligados à educação como também à política e cultura social. Para isso, tomaremos como referência o período compreendido entre 1880 e 1910, o qual foi visto pela elite política e intelectual argentina como crucial para a construção de sua nacionalidade e, portanto, fundamentais para a realização de nossa análise.

**Palavras-chave:** Bunge; Argentina; Identidade nacional.

**Abstract:** “*Nuestra América*”: racial thinking and the construction of Argentine national identity. This work aims to establish an analysis of the work *Nuestra América. Ensayo social psychology*, written in 1903 by Carlos Octavio Bunge – an Argentine intellectual influential, both in matters relating to education as well as the political and social culture. For this, we take as reference the period between 1880 and 1910, which was seen by the Argentine political and intellectual elite as crucial to the construction of their nationality and therefore fundamental to the achievement of our analysis.

**Key-words:** Bunge; Argentine; National identity.

---

\* Doutoranda em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Campus de Assis).  
E-mail: <camila\_grejo@hotmail.com>.

### ***O lugar de Carlos Octavio Bunge na intelectualidade argentina***

O período compreendido entre o final do século XIX e meados do XX na América Latina, de uma maneira geral, correspondeu a um momento de busca pelas identidades nacionais por parte das elites políticas e intelectuais. Neste artigo, buscamos compreender a partir da obra *Nuestra América. Ensayo de psicología social* e da figura de Carlos Octavio Bunge, qual era o significado de nação expresso pelos intelectuais do século XIX e analisar como, na visão deste autor, seria possível construir uma nacionalidade num país tão heterogêneo, tomado pela imigração europeia. É relevante ainda, para nossa proposta, a discussão acerca do conceito de *identidade argentina* em termos de formação da nacionalidade deste país em relação à América Latina e a outros povos.

Os intelectuais do final do século XIX e início do XX, tanto na Europa como na América Latina, buscaram recriar uma visão do mundo por meio da institucionalização do tratamento científico das questões sociais, por isso, privilegiando uma melhor compreensão do período discutido neste trabalho, são de grande importância os enfoques positivistas e biologistas, pois constituíram-se em categorias culturais chave daquele período.

Neste trabalho, consideramos Carlos Octavio Bunge como adepto da corrente de pensamento cientificista<sup>1</sup>, o que pode ser explicado com base não apenas em *Nuestra América*, mas em outras obras do

---

<sup>1</sup> Entendemos por cientificista a corrente intelectual formada pelo positivismo em suas diversas manifestações: sociologia comtiana, evolucionismo, organicismo, darwinismo social, biologismo, mesologia e antropogeografia. Ver SOLER, Ricaurte. *El positivismo argentino*. Buenos Aires: Paidós, 1968.

autor, como *Principios de psicología individual y social* (1903), na qual percebemos a tentativa de superar as bases puramente mecânicas do evolucionismo de Spencer e seu materialismo firmado com exclusividade nas ciências físico naturais, introduzindo, assim, a análise psicológica no processo de evolução das espécies.<sup>2</sup> Portanto, entendemos que Bunge não pode ser classificado como um intelectual puramente positivista, uma vez que buscou outros aportes da ciência para fundamentar suas teorias, como, por exemplo, o darwinismo social, o evolucionismo e o biologismo, ideais fundamentais para a definição de um novo nacionalismo como sendo um conjunto de símbolos e valores de identidade.

Carlos Bunge foi advogado, professor, literato, estudioso de direito, de educação e de sociologia e, apesar de ter nascido no ano de 1875, acabou sendo incluído na *Geração de 80*, devido à sua precoce maturidade intelectual, principalmente no que concerne a sua valiosa contribuição ao positivismo sociológico evidenciada no livro *Principios de psicología individual y social* (1903).

Bunge e tantos outros intelectuais de destaque no final do século XIX e início do XX, como José Ingenieros, José Maria Ramos Mejía e Ernesto Quesada – também integrantes da *Geração de 1880* – buscaram os fundamentos necessários às suas reflexões nas ciências naturais, com o intuito de solucionar o problema étnico na Argentina, pois entendiam que este era um dos caminhos que os

---

<sup>2</sup> CAMPANELLA, Hebe. *La generación del 80: su influencia en la vida cultural argentina*. Buenos Aires: Tekné, 1983, p. 42.

levaria à construção da identidade nacional; assim, o cientificismo passou a ser visto como um meio capaz de fornecer explicações com relação às semelhanças e diferenças entre os seres humanos.

A influência exercida pela *Geração de 80* na vida cultural argentina deve ser assinalada, pois esta contava com intelectuais vitalmente unidos em torno de um projeto comum que se identificava com a transformação da Argentina em uma nação próspera. De acordo com a visão dos mesmos, tal transformação consistia na realização de um ininterrupto progresso, proporcionado, em grande medida, pela filosofia positivista e pelo cientificismo em que se formaram intelectualmente quase todos esses homens.<sup>3</sup>

Para Félix Valdés García, o ideal cientificista, na Argentina, estava estreitamente ligado ao seu desenvolvimento capitalista. A partir da segunda metade do século XIX, o país atingiu um elevado grau de modernização e desenvolvimento econômico, político e social, sendo caracterizado pelo aumento da emigração de países da Europa e pela entrada do capital estrangeiro, fundamentalmente o inglês. Governos como os de Bartolomeu Mitre (1862-1868), Domingo Faustino Sarmiento (1868-1874) e Nicolas Avellaneda (1874-1880), concretizaram várias reformas direcionadas à ampliação da economia, da cultura e da educação. Foi

---

<sup>3</sup> É importante destacarmos que os intelectuais da *Geração de 80* faziam parte da elite intelectual de Buenos Aires, exercendo considerável influência cultural e política sobre a sociedade argentina do período. Ver JITRIK, Noé. *El mundo del Ochenta*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

nesse contexto que a ciência, estagnada durante a ditadura de Rosas, recebeu estímulo para seu crescimento, tornando-se um dos alicerces para a elaboração dos ideais da *Geração de 80*.<sup>4</sup>

A psicologia e a sociologia constituíram-se em instrumentos da intelectualidade cientificista. No caso de Bunge, o uso da psicologia foi a chave para a explicação de suas ideias sobre a sociedade, a natureza e a atividade do homem, uma vez que, como nos mostra Valdés García, aquele intelectual "buscou e descobriu na jovem ciência a fundamentação de sua atividade prática como pedagogo ou ideológico da nascente burguesia argentina."<sup>5</sup> Isso explica o porquê de em *Nuestra América. Ensayo de psicología social* (1903), todo fenômeno social encontrar sua fundamentação em aspectos biológicos e psicológicos.

### ***Nuestra América: análise da obra***

A referida obra obteve grande repercussão desde sua primeira edição. Foi alvo de críticas por parte de José Ingenieros, um importante membro da elite intelectual do período, e chegou a atingir sete edições, sendo a última delas datada do ano de 1926, oito anos após a morte de Bunge, o que evidencia o impacto causado pelo livro no cenário intelectual argentino de princípios do século passado.

---

<sup>4</sup> GARCÍA, Félix Valdés. El pensamiento de Carlos Octavio Bunge. *Revista Cubana de Ciencias Sociales*, año VI, n. 16, 1988, p. 77-93.

<sup>5</sup> GARCÍA, op. cit., 1988, p. 86.

Em resumo, poderíamos dizer que *Nuestra América* contém uma análise sociológica psico-biológica, a qual conduziu seu autor a desenvolver pressupostos racistas e, muitas vezes, pessimistas a respeito do povo latino-americano. Sua primeira edição foi publicada em 1903, em Buenos Aires<sup>6</sup>, mas foi apenas a partir da segunda que seu autor circunscreveu deliberadamente o tema acrescentando o subtítulo: *Ensayo de psicología social*. Defendemos a hipótese de que tal mudança tenha sido realizada como uma resposta às já citadas críticas tecidas por Ingenieros e publicadas numa importante revista da época, – a *Revista de Derecho, Historia y Letras*, dirigida por Estanislao Zeballos –, que considerava tratar-se de um livro sociológico pelo fato de utilizar-se da psicologia para compreender a formação da sociedade argentina.

As edições da obra sofreram modificações até que, na 7ª edição, chegou-se ao texto definitivo, composto por 5 partes: I – Os espanhóis, II – Índios, negros e mestiços, III – Os hispano-americanos, IV – Política hispano-americana, V – Políticos hispano-americanos, prólogo e introdução, na qual o autor nos apresenta seus objetivos e o plano da obra, acompanhados de algumas observações acerca da psicologia social e do método de investigação psicológica que utilizará ao longo do livro.

O prólogo – intitulado *Una Palabra* – chama a atenção pelo fato de Bunge afirmar a correspondência deste livro a um triplo amor: à Verdade, ao Progresso e à Pátria, o que nos remete à influência da

---

<sup>6</sup> Tanto *Nuestra América*, de Bunge, como outras obras como *Pueblo Enfermo*, de Alcides Arguedas, foram publicadas primeiramente na Europa, o que pode ser explicado pelo escasso número de editoras com que contava a América Latina nesse período.

escola positivista; e, ainda, por declarar um sentimento de pertencimento à América Hispânica, pois afirmou considerar-se, psicologicamente, tão hispano-americano quanto o mestiço asteca, o guarani ou o mulato. Nesse sentido, ao retratar o orgulho de suas origens, Bunge recorreu a um artifício comum aos intelectuais latino-americanos do período, a comparação aos europeus e norte-americanos, salientando que após corrigidos os defeitos expostos em *Nuestra América*, os latino-americanos poderiam ser considerados, não iguais, mas sim melhores que aqueles.

Foi, contudo, por reconhecer a influência espanhola na América e acreditar que estudando os fenômenos espanhóis poderia encontrar elementos interpretativos que explicassem a conduta dos americanos, que o autor dedicou uma parte da obra ao estudo da psicologia dos espanhóis. Para Bunge, a herança psicológica espanhola poderia ser sintetizada em uma palavra: arrogância. Mais que na raça, a gênese da arrogância poderia ser atribuída ao meio geográfico onde os espanhóis se originaram, o que, de acordo com Bunge, contribuiu para que esta se tornasse a qualidade mãe da psicologia do povo espanhol.<sup>7</sup>

A grande importância atribuída ao meio físico foi um traço marcante, não apenas em *Nuestra América*, mas também no pensamento cientificista do período, pois os intelectuais defendiam a influência exercida pelo clima e pelo meio geográfico como capaz de

---

<sup>7</sup> É interessante percebermos que Carlos Bunge utilizou métodos diferentes para estudar os espanhóis e os hispano-americanos. No primeiro caso, foi atribuída maior relevância à geografia, enquanto no segundo, sua reflexão estava voltada, em grande parte, para a questão racial.

definir características não apenas físicas, mas também psicológicas sobre a população; em *Nuestra América*, o determinismo geográfico foi capaz explicar a existência da arrogância na América Espanhola. Recorrendo aos primórdios da formação do Estado nacional espanhol, Bunge assinalou que, devido a sua posição geográfica, a Espanha tinha travado lutas constantes contra invasões estrangeiras e, por isso, passou a sustentar um apaixonado culto do valor que foi transmitido aos americanos através da colonização. Por conseguinte, entendemos que a arrogância espanhola – uma característica psíquica – foi abordada, em *Nuestra América*, como fruto de uma fatalidade geográfica.

À psicologia *criolla*, Bunge acrescentou outras duas características: a preguiça, derivada dos índios, e a tristeza, dos negros. Segundo ele, a América era caracterizada por uma “mistura” de culturas, raças e costumes e, por isso, a melhor maneira de entendê-la seria por meio do estudo das raças. Dessa forma, caracterizou os hispano-americanos como sendo mais ou menos mestiços, pois na mistura de raças haveria sempre a predominância da raça mais forte – geralmente a branca.

Uma das soluções apontadas para o “problema racial” na América Latina – não apenas por Bunge, mas também por outros cientificistas – no início do século XX, foi a promoção do fluxo imigratório europeu. No entanto, Carlos Octavio Bunge advertiu que os novos elementos trazidos pela imigração apenas seriam capazes de provocar mudanças profundas na população de regiões excepcionalmente

européizáveis, como a Argentina.<sup>8</sup> Nos demais locais, os imigrantes exerceriam, a princípio, certa influência, mas, depois de arraigados, acabariam por adquirir as características do primeiro sedimento hispano-indígena. À imigração foi outorgada, então, a função de contribuir para a construção da “nova psicologia” dos argentinos, auxiliando no processo de embranquecimento da população. Na concepção de Bunge, cada “raça física” seria o correspondente a uma “raça psíquica”; por isso, o autor acreditava que se o fenótipo fosse modificado, a psicologia também seria alterada e que, quanto maior a porção de sangue europeu, mais pura e evoluída seria a raça.

Apesar de considerar, no início do século XX, o mestiço como um tipo comum e genérico, Bunge acreditava que essa mestiçagem se constituía um estado passageiro, pois, com o passar do tempo, os hispano-americanos acabariam por diferenciar-se e, nessa diferenciação, a Argentina ganharia destaque por se constituir num local onde haveria maior grau de cultura.<sup>9</sup> A partir disso, perceber que, de certa forma, Bunge nos dá mostras de sua aplicação da teoria da seleção natural das espécies, formulada por Charles Darwin.

Como um exemplo da utilização de elementos biológicos e sociológicos em *Nuestra América*, podemos citar a explicação dada

---

<sup>8</sup> Tais regiões teriam o clima semelhante ao europeu, além da escassez de base étnica *criolla*.

<sup>9</sup> No entanto, ele também ressaltou que esta diferenciação entre os mestiços levaria algum tempo, uma vez que a história demonstra que as transformações bruscas são impossíveis e, assim como a natureza, a história não dá saltos, se constituindo numa consequência evolutiva de causas e efeitos, inclusive sobre o caráter dos povos.

por seu autor na tentativa de justificar que todo mestiço físico corresponde a um mestiço moral: “Si en una familia nacen, por ejemplo, diez vástagos de los cuales nueve tiene al tipo físico europeo y uno el negroide o mulato, los primeros poseen una psicología europea, el ultimo, la mulata [...]”<sup>10</sup>

Dessa forma, o caráter do hispano-americano transformou-se na antítese do caráter europeu, uma vez que, se na Europa existiam instituições, riqueza e civilização, no Novo Mundo predominava o caciquismo, a pobreza e a barbárie. Todavia, ao questionar-se a respeito da cura desses “males”, Bunge encontrou um “remédio”: que os hispano-americanos se europeizassem por meio do trabalho, o qual, de acordo com os princípios positivistas, deve ser compreendido como sinônimo de progresso. Nesse ponto, podemos observar sinais de contradição por parte do próprio autor, uma vez que este também defendia o branqueamento como um fator fundamental para a europeização e conseqüente evolução dos hispano-americanos.

De acordo com a fonte analisada, o germe da preguiça nasceu do divórcio entre a propriedade e o trabalho no regime colonial, sendo que, na América, o ambiente natural permitiu que bastasse pouco trabalho para se obter subsistência suficiente. Bunge acreditava que se não existisse abundância de subsistência, a luta pela vida faria com que os inativos desaparecessem, triturados pela engrenagem da seleção natural.

---

<sup>10</sup> BUNGE, Carlos Octavio. *Nuestra América. Ensayo de psicología social*. 7. ed. Madrid: Espasa/Calpe, 1926, p. 47.

Fica clara, então, a apropriação feita pelo autor dos princípios darwinistas da seleção natural, principalmente ao afirmar que a regra geral da “preguiça criolla” tem suas exceções, o que vem a reforçar a ideia bungeana de que o progresso dos hispano-americanos está diretamente relacionado ao culto do trabalho: “En el litoral de la Argentina, la gente es trabajadora. Débese ello a un clima ya más frío, al estímulo de la riqueza ambiente y también a la inmigración extranjera, que modifica la raza [...]”<sup>11</sup>

Voltemos a outro traço marcante da psicologia dos *criollos*: a tristeza. Em *Nuestra América*, fica constatado que os aborígenes da América foram um povo triste; ou melhor, que a tristeza se mostrava como uma condição geral, fosse aos araucanos ou aos guaranis. A explicação dada por Bunge a essa assertiva era a de que o amálgama da tristeza dos conquistados à dos conquistadores, não poderia produzir outro tipo de herança psicológica.

Outrossim, é neste contexto que o imigrante ganha destaque novamente, por tratar-se de um povo alegre que sabia rir e se divertir; diferentemente da plebe gaúcha do campo, dos índios dos pampas e até do povo argentino das cidades. Nesse sentido, a imigração passou a ser vista como um atenuante à tristeza dos latino-americanos e, mais especificamente, dos argentinos. Contudo, é importante enfatizarmos que essa classificação que Bunge faz dos imigrantes como componentes de um só povo está equivocada, pois apesar de

---

<sup>11</sup> BUNGE, op. cit., 1926, p. 49.

serem europeus, os imigrantes pertenciam a diferentes nacionalidades, tinham diferentes línguas e costumes; por isso, adaptavam-se de maneiras distintas à realidade argentina.

As explicações antes dispensadas são de fundamental importância para que entendamos o caráter argentino. Seguindo a perspectiva de Bunge, esse caráter era um tanto quanto indefinido devido à “mistura” de raças – americana, negra e branca – e de climas, contando, ainda, com o fator imigratório, que contribuiu para a heterogeneidade do conjunto. No período abarcado por este trabalho, os intelectuais cientificistas viam a imigração como um fator decisivo na construção da “nova psicologia” argentina. Essa elite intelectual acreditava que, uma vez nacionalizado e *acriollado*, o imigrante se moldaria às ideias e sentimentos do litoral, melhorando-os.

Um dos maiores problemas diagnosticados por Carlos Octavio Bunge em *Nuestra América* consistia na política criolla dos caudillos latino-americanos, responsáveis pelo caciquismo alicerçado sobre a preguiça coletiva. De acordo com esta perspectiva, a sociedade caciquista não estava a favor do melhor, mas sim daquele que se impunha como tal, sem averiguar porque se tinha imposto – ainda que fosse pelo compadrio e cumplicidades. Dessa forma, o *cacique* não governava por eleição política nem por lutas ideológicas, mas por seu poder sugestivo, pela apatia

dos homens e pela inércia das coisas.<sup>12</sup> Portanto, apenas a morte ou uma derrota muito humilhante poderiam destruir o poder do cacique; mas, mesmo após ter perdido o comando e a vergonha, este ainda conservaria um caráter indelével.<sup>13</sup>

A visão de Bunge acerca do caudilhismo se mostrou, muitas vezes, negativa e pessimista, a ponto de estabelecer comparações com o imperialismo. De acordo com o autor, o imperialismo constituiu-se num regime regular que produziu modernas monarquias constitucionais, estáveis e disciplinadas<sup>14</sup>, como, por exemplo, países tais quais França e Inglaterra, enquanto os “*cacicazgos*”<sup>15</sup> não passariam de entidades caprichosas e variáveis que deixaram como herança governos de indisciplina e irregularidades de fundo.

Bunge nos mostra, ainda, que a “*cacicabilidade*” – tendência a governos caciquistas – de cada nação está em razão inversa à sua proporção de sangue branco<sup>16</sup> – europeu – e que, por conta disso, o caciquismo é consuetudinário e tácito, não está nas leis; está no sangue, no clima, na indolência nacional. Entretanto, o autor

---

<sup>12</sup> Cacique é utilizado, em *Nuestra América*, como sinônimo de caudilho. Portanto, eram grandes proprietários de terras que possuíam liderança política regional, exerciam o governo das províncias e contavam com apoio popular.

<sup>13</sup> BUNGE, op. cit., 1926, p. 52.

<sup>14</sup> É interessante atentarmos às comparações feitas por Bunge, nas quais ele toma o modelo europeu como o tipo ideal a ser seguido pelos americanos.

<sup>15</sup> Termo sem sinônimo na língua portuguesa que se refere aos regimes caciquistas.

<sup>16</sup> O que nos permite concluir que, por possuir tal psicologia, o cacique deveria ser mestiço ou negro.

de *Nuestra América* afirmou preferir *cacicatos* abertos e francos à república imitativa, convencional e híbrida que pôde ser observada na América Latina no período pós-independência. Esta afirmação não deixa de ser contraditória, uma vez que Bunge havia mostrado sua visão pessimista acerca do caciquismo; contudo, podemos compreendê-la se levarmos em consideração que o autor via as repúblicas hispano-americanas como imitações do ideal republicano francês, como cópias de democracias que não se aplicavam ao contexto latino-americano do período em questão.

Bunge apontou propostas para suas constatações, as quais residiam em dois remédios: um prático e outro teórico. O melhor remédio teórico seria o estudo positivo da história, da política, da economia e da sociologia. O prático consistiria na aplicação de tais estudos. Contudo, é importante deixarmos claro que Bunge atribuiu tais incumbências à elite intelectual, ou seja, a seus pares que compunham as classes politicamente dominantes:

A esta reacción contra la política romántica, a este espíritu de análisis doctrinario, les agregaré, para completarlos y, corroborarlos, mi remedio práctico. Consiste tal remedio en aplicar los estudios positivos; en propender a que la clase culta, sacudiendo su “ocio político”, luche como pueda con el caudillismo ignorante y malintencionado; le venganza, le domine, le arranque el poder, y, una vez victoriosa, promueva desde el gobierno – municipal, provincial o nacional –, la difusión de la cultura.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> BUNGE, op. cit., 1926, p. 67.

De acordo com Bunge, os argentinos, no início do século XX já aplicavam tais métodos terapêuticos – mesmo que imperfeitamente – chegando a revolucionar a velha política *criolla*, apresentando-se como um exemplo a ser seguido. Fica claro, mais uma vez, o forte apelo nacionalista ecoado por *Nuestra América* com relação ao povo argentino. Por conta do seu clima e de sua população predominantemente branca, o país era apontado como um exemplo a ser seguido, destoando da realidade latino-americana.

Carlos Octavio Bunge partiu do tipo genérico do grande cacique e elegeu três políticos hispano-americanos a serem tomados como exemplo: Juan Manoel de Rosas – governador de Buenos Aires e encarregado das relações exteriores da Confederação Argentina –, Gabriel García Moreno – presidente do Equador – e Porfirio Díaz – presidente do México. O primeiro foi representado como um super-gaúcho – quase um senhor feudal – estancieiro rico que usava os caudilhos mestiços e pobres contra a minoria ilustrada e que, depois de dominá-la, a transformaria em seus próprios aliados. O segundo nos sugere ter sido um inquisidor anacrônico e, o terceiro, um caudilho providencial: herói primeiro e ditador depois.

Após esta extensa descrição de nossa fonte, se faz fundamental lembrarmos que as posições assumidas por Carlos Octavio Bunge acerca das questões étnicas, suas propostas identitárias, o caudilhismo e a construção da “nação” argentina, têm conexão com o contexto do final do século XIX e início do XX. Por isso, em certa medida, podemos afirmar que *Nuestra América. Ensayo de psicología social*

constitui-se num reflexo do meio intelectual e social em que estava inserido seu autor; entretanto, é importante ressaltarmos que Bunge imprimiu certas particularidades a esta obra como, por exemplo, a utilização da “raça” como um fator determinante sobre os aspectos sociológicos e psicológicos do povo hispano-americano.

As teorias de Roger Chartier e Michel de Certeau a respeito do fenômeno da manipulação dos conceitos devem ser lembradas, uma vez que podem ser aplicadas às obras de Bunge. De acordo com Chartier e Certeau, a incorporação dos conceitos pelo receptor não exclui a possibilidade de desvios, pois a eficácia das mensagens depende dos códigos de afetividade, costumes e elementos histórico-culturais dos receptores. Por isso, o efeito não é unívoco e uma mesma mensagem pode ser interpretada de diferentes formas, produzindo ações diferentes.<sup>18</sup> Isso explica porque, na Argentina, as elites intelectuais tomaram conhecimento de conceitos advindos da realidade europeia, adaptando-os para serem utilizados de acordo com suas necessidades e interesses. Bunge nos deu provas disso ao se apropriar de conceitos de Gustave Le Bon e Charles Darwin, o que comprova que as obras não apresentam um discurso neutro; pelo contrário, refletem os ideais de sua época.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990 e CERTEAU, Michel de. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975.

<sup>19</sup> Podemos perceber que o autor seguiu rumos semelhantes aos trilhados por Sarmiento em *Conflicto y armonia de las razas*, no que diz respeito ao estudo das raízes étnicas que deram seu vigor psicológico aos povos hispano-americanos.

Carlos Bunge não foi o único a adaptar conceitos em voga à realidade argentina. Uma mostra disso pode ser evidenciada nas obras de vários outros intelectuais cientificistas como José Maria Ramos Mejía e José Ingenieros.

Devemos ressaltar, ainda, que a política de modernização do Estado argentino foi impulsionada com mais clareza a partir do governo de Julio Argentino Roca (1880-1886), no mesmo momento em que as concepções cientificistas da *Geração de 80* passavam a orientar as ideias e os projetos políticos da elite cultural. Desde esse período existiu, no país, uma dupla problemática em torno da modernidade e do projeto nacionalizador que coincidiu com uma disputa simbólica pela elaboração de um arco de crenças e valores nacionalistas propostos para funcionar como alicerce de uma sociedade vista como excessivamente heterogênea. A este contexto podemos relacionar uma preocupação evidenciada em Carlos Octavio Bunge e seus contemporâneos cientificistas: a relação estabelecida entre raça e nação.

### **Considerações finais**

Em *Nuestra América*, o autor se dedicou a estudar os problemas que afligiam a sociedade latino-americana (vendo-os como enfermidades) para desenvolver sobre eles uma precisa ação corretiva, com o intuito de garantir a continuidade da ordem conservadora instituída. Para tanto, ele defendia que dever-se-ia recorrer a tudo, menos às mudanças bruscas de sistema, de instituições, de governos; ou seja,

defendia o progresso lento pelo esforço contínuo, e não os golpes de Estado. Enfim, a evolução e não a revolução. A partir disso, podemos perceber que Carlos Bunge construiu uma reinterpretação social e política do evolucionismo, pois aplicou o conceito de evolução ao campo político, numa tentativa de legitimar a continuidade do sistema oligárquico de dominação.

Contudo, o livro em questão não foi o único a trazer discussões acerca da sociedade latino-americana do período, sendo que essa tentativa de definição do “outro” – fosse ele étnico, social ou cultural – associada à preocupação sociológica em solucionar os problemas das sociedades foi comum a toda América Latina. Dentre os escritos mais emblemáticos podemos destacar: *Pueblo enfermo*, do boliviano Alcides Arguedas, *Las democracias latinas en América* e *La creación de un continente*, do peruano Francisco García Calderón, *Los negros bujos* e *Entre cubanos*, do cubano Fernando Ortiz, além dos argentinos José Ingenieros, com a obra *Las fuerzas morales* e Ricardo Rojas com *La restauración nacionalista* e *Blasón de plata*. Apesar de estes trabalhos apresentarem pontos em comum – por exemplo, a preocupação em solucionar os problemas latino-americanos –, um dos fatores que as diferenciaram consistiu na solução apontada por cada um dos autores.

Dessa forma, fica evidente o diálogo existente entre *Nuestra América* e a produção intelectual latino-americana do final do século XIX e início do XX. Um outro exemplo disso consiste no fato de

Carlos Bunge ter seguido rumos semelhantes aos traçados por Domingo Faustino Sarmiento em *Conflicto y armonia de las razas en América*, principalmente no que concerne ao estudo das raízes étnicas e suas contribuições à psicologia do povo hispano-americano.<sup>20</sup>

Outro ponto que deve ser chamado à atenção diz respeito ao título de nossa fonte. A expressão *Nuestra América* já havia sido utilizada anteriormente pelo cubano José Martí e, se comparada a esta, Bunge esvaziou a expressão de seu conteúdo original, convertendo-a em intolerância e exaltação das diferenças estabelecidas pela cor da pele. O contraste com José Martí, em matéria de “raças”, é radical, uma vez que o próprio Martí afirmou não existir ódio de raças por não haver raças. Todavia, sua posição foi excepcional e estava longe de fazer parte das ideologias oficiais no final do século XIX e meados do XX, período em que as elites políticas e intelectuais demonstravam sua preocupação em consolidar um conjunto de ideias e valores a fim de manter a ordem social vigente, utilizando a questão étnica como um dos mecanismos para atingir tais objetivos.

Apesar de a obra de Carlos Octavio Bunge trazer no título a denominação de *Nuestra América*, nós entendemos que esta alude mais à Argentina, ou melhor, à região rio-platense que a qualquer outra localidade da América Latina, uma vez que não dá mostras de querer investigar o homem de uma maneira geral, mas sim específica: o argentino.

---

<sup>20</sup> SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto y armonia de las razas en América*. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1915.

Um dos objetivos deste trabalho consistia, ainda, em tentar explicar, na visão de Bunge, a expressão “identidade argentina”. Em primeiro lugar, o autor considerava que a nacionalidade argentina era uma entidade a ser construída e via, nessa nacionalidade, um produto da história, o que o levou a buscar no passado características que o auxiliassem na sua legitimação nacional. É importante destacarmos que Bunge não negou a influência europeia sobre a psicologia latino-americana, agregando a ela a participação de outros dois elementos: a imigração e a educação. Nesse sentido, passou a defender o *acriollamento* dos imigrantes como um meio capaz de formar uma psicologia argentina, menos de caráter racial e mais próxima a uma identidade nacional.

Assim, podemos concluir que a preocupação étnica das elites intelectuais argentinas não chegou a adquirir a consistência de uma verdadeira reflexão sobre o problema racial, uma vez que o ponto chave pretendido por estes intelectuais era a questão nacionalista, sendo que as teorias raciais serviram de instrumento para que tal objetivo fosse alcançado. Enfim, temos de reconhecer que as teorias de Carlos Octavio Bunge, José Ingenieros e vários outros intelectuais científicistas, apesar de terem contido traços fortemente racistas e discriminatórios se mostraram coerentes à atmosfera intelectual do final do século XIX e meados do XX, pois atuaram como uma das maneiras de se formular questões pendentes ao processo de formação da nação argentina.

## **Referências**

### *Bibliografia*

CAMPANELLA, Hebe. *La generación del 80: su influencia en la vida cultural argentina*. Buenos Aires: Tekné, 1983.

CERTEAU, Michel de. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

GARCÍA, Félix Valdés. El pensamiento de Carlos Octavio Bunge. *Revista Cubana de Ciencias Sociales*, año VI, n. 16, p. 77-93, 1988.

JITRIK, Noé. *El mundo del Ochenta*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

SOLER, Ricaurte. *El positivismo argentino*. Buenos Aires: Paidós, 1968.

### *Fontes*

BUNGE, Carlos Octavio. *Nuestra América. Ensayo de psicología social*. 7. ed. Madrid: Espasa/Calpe, 1926.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto y armonia de las razas en América*. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1915.

**Recebido em 21 de fevereiro de 2013; aprovado em 19 de junho de 2013.**